

reflexões sobre  
**ARTE**visual

v. 2 n. 6 março 2021



***Autodidatismo e formação em  
Arte Visual.***

*Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO*

### ***Expediente:***

#### **Revista: Reflexões sobre Arte Visual**

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

### ***Edição:***

v.2 n.6 março 2021

*Periodicidade: quinzenal*

*Capa: Desenho de Basquiat.*

## **APRESENTAÇÃO**

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

*Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.*

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

*Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac\_camargo@hotmail.com*

Há um vazio na formação sobre Arte em geral e em especial sobre a Arte Visual.

A educação não tem tido sucesso em promover o conhecimento adequado sobre ela, tampouco as mídias de comunicação social tem se preocupado em informar sobre este campo da cultura. Portanto para saber alguma coisa sobre ela é necessário agir quase que por conta própria. Digo isto pois, até hoje, não se compreende as tendências do passado, o que dizer então das de hoje em dia.

A formação sobre Arte é praticamente inexistente. Embora a obrigatoriedade da inclusão da Arte no ensino fundamental e médio, de acordo com a Lei n. 9.394/96 que se refere ao ensino de Arte na educação básica: “*O ensino da arte constituirá **componente curricular** obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos*”.

Esta é a posição adotada no país para incluir a Área de Arte no campo da formação nacional: um “*componente curricular*”.

Mesmo havendo a obrigação de contemplá-la na Educação Básica, isto não garante que todas as escolas irão fazê-lo com competência. O fato de existir uma obrigação legal não garante que isto seja feito adequadamente. Deste modo o poder público se exime da responsabilidade de promover o conhecimento e desenvolvimento cultural.

As condições para lidar com os diferentes campos da Arte como a Visual, Musical, Cênica, Audiovisual e mesmo Literária, não são as mesmas, cada uma delas têm características e necessidades próprias.

Ambiente, equipamentos, materiais, bibliografia, profissionais especializados para ministrar disciplinas específicas, são condições diferenciadas e necessárias para promover o conhecimento nesta área, no entanto, o que se faz é o mínimo, ou seja, incluir uma disciplina na estrutura curricular e deixar a cargo de quem a assume a responsabilidade de resolver os problemas. Este é um triste resumo do que se tem no contexto da formação básica no ensino fundamental e médio.

Ao mesmo tempo, entra em campo uma grande falácia:

*Para ser artista não há necessidade de ensino formal!*

Bem, esta afirmação parece ser verdadeira na medida em que muitos artistas conhecidos e reconhecidos não tiveram formação em Arte. Isto não quer dizer que não exista *ensino e aprendizagem* em Arte. Quem se dedica ao Ensino no campo da Arte, deve esclarecer esta questão e não cair na falácia desta armadilha. A principal questão é esclarecer se o Ensino Formal contribui ou não e se a informalidade é suficiente para garantir o aprendizado.

Enfim, a meu ver, há variáveis suficientes para confrontar tal afirmação.

Como se sabe o Ensino Formal em Arte surge com as Academias no Renascimento, de lá para cá os projetos pedagógicos, ou seja, os modos como se pensa e se promove o ensino no campo da Arte mudaram bastante. Contudo as pessoas que fazem, pensam, difundem ou comercializam Arte, nem sempre, passaram por processos de ensino formal nesta área e isto não é um pecado, mas uma contingência ou condicionante situacional.

Logo, a questão que permanece é:

Se a Arte surgiu da espontaneidade, passou pela artesanaria se tornou uma habilidade e depois um requinte social, é necessário fazer um curso formal para ser artista?

Bem, para responder a ela é necessário refletir à respeito da formalização do conhecimento e dos meios usados para sistematizá-los, sancioná-los, credibilizá-los e promover a segurança social em muitas áreas, procedimentos e serviços.

Tenho grandes dúvidas se alguém é capaz de escolher um curandeiro para fazer uma cirurgia em troca de um cirurgião formado por um curso de medicina.

Tenho dúvida se alguém troca um arquiteto ou engenheiro civil formados em cursos de Arquitetura ou Engenharia por um prático em edificações para construir uma casa ou um prédio.

Tenho dúvidas se alguém trocaria um Design formado por um artesão para projetar um utilitário qualquer.

Não há dúvidas de que há manifestações populares que cobrem os fazeres vernaculares e que são eficientes e úteis para muitas comunidades e marcam a sociedade. A construção das choças indígenas, a feitura de utilitários, vestimentas, ornamentos e ferramentas são eficientes no seu meio, mas podem não ser eficientes ou adequados no contexto social e urbano cosmopolita contemporâneo. Cada coisa a seu tempo e em seu lugar.

Confundir o utilitarismo atávico com eficiência é fatal.

A busca pela sistematização do conhecimento por meio da pesquisa não significa ignorar que há conhecimentos, domínios e habilidades inerentes ao ser humano que não precisam ou não requerem cursos especializados, mas requerem igualmente processos de formação e aprendizagem. Há conhecimento informal, não sistematizado por meio de escolas ou projeto pedagógicos consolidados e que amparam igualmente o desenvolvimento de muitas comunidades.

Uma bordadeira comunitária não frequentou uma escola de bordado para realizar seu trabalho. No entanto, adquiriu seu saber por meio da práxis inserida em seu dia a dia e em sua cultura, provavelmente decorrente das relações familiares ou comunitárias por meio das quais foi-se especializando na arte da bordado e adquirindo as habilidades necessárias para tanto, logo, a aprendizagem não é domínio exclusivo dos sistemas formais, mas de todo e qualquer campo do conhecimento humano.

O saber consuetudinário ou vernacular surge no seio das comunidades e é praticado, mantido e desenvolvido nelas. Em alguns casos são transladados para o sistema formal na medida em que se encontra um uso ou função capaz de consolidá-lo no sistema formal. Tal transladamento o afasta do Popular e o torna Erudito. A Erudição não é a “Elitização” do conhecimento, mas sim sua Formalização, afastando-o do senso comum e tornando-o “oficial”.

Na medida em que um dado conhecimento ou campo é formalizado ele é capaz de ser organizado, sistematizado e transmitido por meio de métodos, processos e procedimentos estáveis e verificáveis, inclusive, no ensino. Basta recorrer a um exemplo banal: durante séculos admitiu-se que a terra era o centro do sistema, no entanto as pesquisas desenvolvidas pela astronomia provaram o contrário, o sol é o centro do sistema, logo o conhecimento anteriormente “verdadeiro” perdeu credibilidade e desapareceu.

Crenças, hábitos e costumes tendem a ser tomados como definitivos, contudo o desenvolvimento das pesquisas e estudos formais podem contestá-los ou reforça-los, portanto o crivo da ciência acaba sendo o meio para aferir, verificar, manter ou rechaçar determinados saberes dando-lhes credibilidade ou superando-os. É possível dizer o mesmo sobre a Arte Visual. Embora ela tenha surgido espontaneamente, não significa que, contemporaneamente, deva ser mantida assim.

Voltando à questão da Arte Visual, sua formalização se inicia com a *Accademia delle Arti del Disegno de Florença*, fundada em 1563 com *Cosimo di Medici I*, seu patrono e mantenedor, por sugestão de Giorgio Vasari. Foi a primeira academia destinada exclusivamente ao preparo de artistas. O processo de “formação” anterior era realizado nas oficinas dos artistas que aceitavam aprendizes para os iniciarem nos fazeres, domínios e habilidades artísticas, ou seja, informalmente.

Desde a Idade Média, haviam Corporações de Ofícios, organizações de mestres em diferentes áreas cuja finalidade era preservar a qualidade da produção e o exercício profissional. Eram conhecidas por Guildas. Era comum a existência de guildas de artistas como de outras profissões. As Academias surgem em alternativa às Guildas e não vinculadas ao domínio de Mestres proprietários, mas sim a um sistema de formação vinculado a orientações técnicas e conceituais.

Vários artistas foram associados às Academias, normalmente aqueles que prestavam serviço ao patrono. Nomes como o de Leonardo Da Vinci, Michelangelo Buonarotti, Raphael Sanzio entre outros atuaram como mentores e orientadores em Academias. Este processo se torna comum na Itália e se expande para a Europa, chegando ao século XVII, XVIII e XIX como o sistema pedagógico formal de ensino no campo da Arte Visual, especialmente por meio das Escolas de Belas Artes francesas.

As Academias promovem a formalização do Ensino no campo da Arte Visual e Arquitetura, não ter a formação acadêmicas não credenciava alguém a exercer a função de artista, no máximo poderiam ser técnicos ou auxiliares de técnicas artísticas ou mais especializados como na fundição, na vidraçaria, entalhes, douramentos, afrescos, tapeçaria, tecelagem e demais artífices auxiliares na realização de Obras de Arte, ornamentação ambiental e eram preparados em Liceus de Artes e Ofícios.

É interessante notar que a formação de Artistas é realizada nas Escolas ou Academias de Belas Artes, nomenclatura que vigorou desde 1816 na França e a de auxiliares e técnicos nos Liceus de Artes e Ofícios, instituições destinadas à formação profissionalizante de técnicos, em geral de nível secundário, neste caso, relacionados ao campo das Artes Aplicadas, antiga denominação de Artes Industriais e Desenho Industrial. No Rio de Janeiro foi criado em 1858 e em São Paulo em 1876.

Note-se portanto, que tanto o Ensino no campo da Arte Visual e de técnicos auxiliares era realizado dentro do ensino formal e credenciado pelo sistema educacional vigente. Ou seja, a formação voltada para artistas e auxiliares era realizada dentro de ambientes formais e não abertos ou informais. Isto não quer dizer que pessoas não possam adquirir, por meio de vivências práticas e da informalidade, as competências necessárias para o fazer artístico, só não são credenciadas formalmente para isto.

O caso do *Autodidatismo* em Arte Visual é paralelo à preparação formal. Nas profissões como as da saúde, engenharias, direito ou ensino há necessidade de formação própria em nível superior para o exercício legal e regulamentado da profissão, isto não acontece no campo da Arte, portanto, não há qualquer impeditivo legal para o fazer artístico, qualquer pessoa pode se dedicar a ele tendo ou não preparação formal específico: a ausência de preparo formal não significa a inexistência de *Aprendizado*.

As Academias foram as primeiras instituições a formalizarem o processo de Ensino-Aprendizagem em Arte. A partir daí definiram e delimitaram os conteúdos necessários a esta formação e estabeleceram os procedimentos pedagógicos para isto.

A base daquela formação era o desenho, seguido da geometria, perspectiva, anatomia, matemática e história. O “projeto pedagógico” era centrado na preservação da tradição greco-romana e nos grandes mestres do Renascimento.

O ensino acadêmico era centrado nos domínios e habilidades técnicas e a liberdade expressiva/criativa era menos importante já que os temas e assuntos eram, em sua maioria, relacionados à tradição greco-romana.

Da Vinci teria dito: *"toda a prática deve ser fundamentada em uma teoria sólida"* neste sentido a Arte assume o mesmo nível de importância de outros conhecimentos humanos. O artista passa a ser reconhecido como intelectual e não só como um artesão ou artífice especializado. Não era o proprietário de uma oficina, mas gestor de uma academia.

A sistematização de processos para o desenvolvimento de domínios, técnicas e habilidades foi a matriz de formação que orientou e se difundiu por meio do ensino acadêmico até as escolas tradicionais de Belas Artes.

Enfim, desde o Renascimento, o ensino formal, se torna o caminho e o meio para quem se propõe a fazer Arte. A formalização era o credenciamento para o exercício profissional. A inserção dos artistas no sistema de Arte se dava por meio das academias e pelos eventos por elas promovidos como, por exemplo, os Salões.

Bem, este cenário se manteve estável, praticamente, do século XVI até o século XIX.

Mas pode-se fazer o raciocínio inverso assumindo o papel contestatório: os primeiros mestres das academias não tinham formação “acadêmica” eles eram “autodidatas” por excelência e definição, embora fossem preparados pelas oficinas de outros mestres no seu tempo. Com certeza, parte de suas habilidades, surgiram das competências que adquiriram por meio de sua vivência e dos fazeres artísticos, ou seja, na prática, nas oficinas das Guildas como aprendizes, obtendo “formação informal”.

Sem dúvida alguma, foi assim mesmo, contudo é necessário reconhecer que quando um saber é sistematizado ele se torna um processo regular e deixa de ser informal para ser formal. Isto aconteceu com várias áreas do conhecimento, para não ir muito longe da Arte Visual, a arquitetura, por exemplo, se transformou numa profissão técnica cujo exercício profissional depende de uma formação específica, de um controle de um Conselho Profissional que afere tanto a formação quanto o exercício profissional (como faziam as Guildas ou Corporações de Ofício).

Outro contra-argumento contra a formação regular do artista pode ser levantado a partir do Modernismo na França. Como conta a história o Modernismo surge em oposição ao Academismo, ou seja, uma tendência ou uma tensão entre os artistas oriundos das Academias de Belas Artes e aqueles que se formavam por outros meios como nas academias não oficiais, não regulamentadas pelo sistema e que investiam no exercício prático em ateliês de outros artistas e mestres. Cada mestre orientava seus aprendizes de acordo com suas próprias habilidades,

Esta formação “não oficial” não possuía um “currículo pedagógico”, nem vínculo institucional e isto impedia os artistas de participarem dos eventos oficiais criados para dar visibilidade aos artistas oriundos das Academias Oficiais, o que os deixava inconformados. Este inconformismo ao ser recorrentemente manifesto ao estado levou o Imperador Napoleão III a promover um Salão dedicado aos artistas que não participaram do Salão do Louvre, promovido oficialmente pelo governo francês: assim surgiu o Salão dos Recusados.

O Salão dos Recusados, ou seja, daqueles que não participavam dos salões oficiais franceses, foi o germe do Modernismo, pois foi a partir dele que vários artistas passaram a se organizar em grupos no intuito de vencer o bloqueio social a que eram submetidos por não terem formação pela academia oficial de Arte.

Aqui talvez resida a confusão entre a preparação formal e a informal do artista já que muitos artistas reconhecidos a partir do Modernismo, não frequentaram escolas formais de Arte, mesmo assim não são menos importantes ou relevantes para o conhecimento da Arte Visual.

Talvez seja também desta confusão que resulte o raciocínio falacioso de que um artista não depende de ensino, já que muitos deles não tiveram “formação oficial”.

Embora este raciocínio é seja falso, dadas as colocações já feitas anteriormente. Um profissional, seja de qual área for, não surge por acaso. Ninguém em sã consciência é capaz de exercer uma profissão ou um fazer a partir apenas da intuição, da ilusão de que gostar de algo basta ou é suficiente para exercer uma atividade. Habilidades inatas não são tão eficientes assim, é necessário preparar-se.

Esta preparação deve seguir um projeto. Numa acepção direta *Autodidata* é alguém que aprende por si só. Talvez, nas primeiras sociedades humanas, o conhecimento era desenvolvido, em grande parte, por meio de esforço próprio. Não havia uma estrutura social capaz de promover o saber coletivo, quem fazia algo “aprendia” ou “desenvolia” por meio de suas observações e experiências. Assim foi, por exemplo, com os primeiros seres humanos e também com os primeiros filósofos naturalistas gregos. A reflexão sistemática e constante promoveu o conhecimento, com isto foi possível sistematiza-lo.

Entretanto, na medida em que os conhecimentos se difundiam, mais pessoas tomavam posse dele e o expandiam a ponto de, em algum momento, ser necessário categorizá-los e formalizá-los.

De certo modo a formalização ou o ensino formal, reduz a necessidade e o esforço do autoaprendizado.

Não há necessidade de abrir outro caminho se a estrada já está pavimentada...

Basta caminhar por ela e estendê-la para mais além, por isto se faz pesquisa em busca de novos conhecimentos.

É nisso que consiste o que chamamos de Ciência, pesquisa e ensino.

Por outro lado não é proibido que alguém se dedique ao seu próprio aprendizado, considerando inclusive que hoje em dia é muito mais fácil obter informações, pois muito do que foi produzido é acessível por meio de literatura especializada, inclusive, disponível em bibliotecas, instituições de ensino e em rede, mesmo que não regulados oficialmente. Ser autodidata hoje em dia é bem diferente de ser autodidata na Antiguidade, na Idade Média ou Idade Moderna, Da Vinci que o diga...

Muitas informações sobre várias áreas estão disponíveis em diversas mídias como as digitais, por exemplo. Embora o acesso à informação seja comum nem sempre tais informações são acompanhadas de e métodos de aprendizagem, ou seja, só informações não bastam é necessário transformá-las em Conhecimento. Com motivação, interesse, predisposição e dedicação é possível adquirir muito conhecimento. Mas se a área de interesse for de domínio técnico ou profissional regulamentada, não adianta ser autodidata, é necessário credenciar-se formalmente para o exercício profissional.

Mas... Contudo, todavia, porém...  
Em Arte pode...

Hoje em dia é possível que alguém se autodenomine artista, atue e exerça essa atividade na sociedade sem qualquer restrição ou limitação. As únicas restrições que existem se referem ao campo acadêmico (entendido aqui como campo de ensino), cuja finalidade é preparar pessoas para exercerem a atividade docente regulamentada. Para ser professor em Arte nos diferentes níveis de ensino, é necessário ter formação superior licenciada para os níveis fundamental e médio e pós-graduada para o nível superior.

Uma particularidade: O contexto do ensino de Arte, no Brasil, é considerado área de *conhecimento* tanto no campo teórico quanto da prática artística e não mais como área de domínio técnico como se entendia a antiga Belas Artes, portanto o ensino em Arte no Brasil é constituído por meio de estruturas regulares para formação especializada, orientada teórica e conceitualmente para modalidades como o Ensino, a Pesquisa e a Extensão, responsáveis pelo desenvolvimento da pesquisa, história e estética e poéticas expressivas.

Voltando a questão do Autodidatismo, como disse, o advento da Modernidade contestou o ensino formal em Belas Artes que era centrada em grande parte em modelos e no domínio de técnicas e processos reprodutivos baseados na visualidade do mundo natural. Os artistas modernos passaram a investir e desenvolver conceitos e proposições nas quais os valores tradicionais não eram mais reconhecidos como válidos e suas pesquisas se dedicaram a experimentações formais e a proposições estéticas e conceituais. O Modernismo não surgiu de um “projeto pedagógico”.

Não haviam escolas de “Arte Moderna”, portanto o trabalho dos artistas Modernos era, de certo modo, Autodidata já que não pertenciam às Academias oficiais, se preparavam em ateliês de outros artistas ou coletivamente.

Embora alguns deles fossem egressos de academias e tivessem formação regular, passaram a contestar o ensino tradicional canônico. Este foi o diferencial entre a tradição e a inovação que ocorre a partir do final do século XIX. O século XX consolidou este processo até meados dos anos cinquenta ou até pós a Segunda Guerra Mundial.

A formação livre sempre foi uma prerrogativa da Arte, comum desde os primeiros tempos da humanidade. Embora esta formação tenha sido regularizada por meio das Academias do Renascimento, não significa que todos os artistas migraram para as academias e passaram a respeitá-las e frequentá-las, muitos deles permaneceram dentro do sistema tradicional de aprendizado nas oficinas e estúdios de outros artistas, cujo ganho e manutenção se baseava na presença de aprendizes e oficiais que realizavam boa parte do trabalho mais pesado.

Portanto, volto a dizer que se alguém quer se tornar artista, sem vínculo com o ensino formal pode fazer isto sem qualquer constrangimento acadêmico ou social, no entanto, terá que desenvolver seus próprios processos de aprendizado e criação a partir de dados desta área de conhecimento. Mesmo que não se vincule ao sistema formal de ensino ainda será dependente de informações, dados e processos específicos já que o domínio de processos conceituais, técnicos ou estéticos são necessários e essenciais para o desenvolvimento de um projeto artístico pessoal eficiente.

Outro aspecto relevante é que, hoje em dia, as manifestações artísticas reforçam os valores de ordem conceituais e conceptivos personalizados e menos pragmáticos e executivos, logo, os processos técnicos que caracterizavam a tradição, deixaram de depender exclusivamente de aprendizado formal específico dando margem a maior liberdade criativa. Ao mesmo tempo a crença de que fazer Arte era apenas seguir uma espécie de receituários de técnicas e habilidades, se espalhou pelo senso comum e qualquer pessoa que tenha certas habilidades formais se autodenomina “artista”.

Se as práticas artísticas reduzidas às técnicas e habilidades manuais são de domínio público, logo, muitos supõem que desenhar ou pintar o que vê, os qualificam como “artistas”.

Ao mesmo tempo, não se pode negar que projetos poéticos como o Cubismo, por exemplo, ao serem difundidos passaram a ser imitados, replicado por outros artistas ou admiradores, portanto, todos podem se apropriar das aparências e estratégias sem se aprofundar nos conhecimentos ou problematizações que motivaram tais poéticas.

Com exceção do grupo de artistas que fundaram um movimento, escola ou tendência os demais que os sucedem não estão necessariamente imbuídos das mesmas motivações e, por isso, acabam por atuar como meros imitadores, já que as problemáticas que instigaram, motivaram e estabeleceram as pesquisas dos artistas fundadores, não são compartilhadas por aqueles que simplesmente se apropriam daquela visualidade e as reproduzem por similaridade.

Tal facilidade de replicação, ao invés de informar, confunde o público pois se algo se assemelha a uma Obra de Arte deve ser Arte.

Há uma espécie de lógica subliminar e perversa:

*Se um Picasso é assim, ao fazer algo como ele fez adquiro a mesma importância dele!*  
Esta pode ser a justificativa para tantas “replicações” que se vê no contexto atual. Contudo não basta copiar é necessário estudar, retomar, rever, repensar ou reeditar processos criativos e pesquisas técnicas, conceituais e formais como meio ou processo de criação, entendendo que reproduzir ou simplesmente imitar não é criar. Nesse sentido um Autodidata corre o risco de confundir “alhos com bugalhos”, achar que cria algo que simplesmente imita.

Grande parte do Autodidatismo esbarra na falta de informação e formação já que o ensino dedicado a Arte no país é precário e isso leva a interpretações limitadas do que é ou pode ser Arte Visual no meio social. Boa parte da compreensão do que é Arte Visual ainda está centrada na habilidade que se tem de desenhar, pintar ou esculpir imagens tomadas por semelhança do mundo natural. Uma visão anacrônica mantida e difundida no senso comum. Lamentavelmente o sistema de ensino não deu conta de sanar tais deformações e com isto as coisas continuam assim.

Muitos dos que se dedicam ao fazer da Arte Visual o fazem quase que por conta própria (e autodidata) tomando por referência a observação do meio, cópias de revistas, seriados televisivos, games ou apropriação de reproduções ou fotografias. Dificilmente partem de problematização sobre meios, materiais, conceitos e proposições. Este é o maior risco do Autodidatismo: fazer algo sem qualquer referência, origem, teoria ou conhecimento. Não quer dizer que o trabalho seja ruim, apenas que não coadunam nem são vigentes com o contexto da Arte atual.

O exercício crítico, na maior parte das vezes foi ou é exercido por pessoas que não tiveram formação específica na área de Arte, portanto, são teóricos autodidatas oriundos de áreas semelhantes ou distantes como a história, filosofia, literatura ou jornalismo, como exemplos. E ainda, o Sistema de Arte, entendido como um conjunto de instituições e atores dedicados ao fazer, pensar, difundir, proteger e comercializar Arte é composto por instâncias muito diferentes. Galerias, Leiloeiros, Marchands, investidores e também instituições de ensino, conservação e informação sobre Arte.

Este conjunto de atores e instâncias nem sempre são preparados ou percebidos no contexto da Arte, assim os problemas se expandem.

Não há como compreender todas as variáveis que interferem na concepção da Arte.

Portanto a formação artística é mais relevante para o desenvolvimento de poéticas, problemáticas e proposições consolidadas por meio das pesquisas e do conhecimento formal do que o gosto individual ou habilidades motoras obtidos na informalidade.

Ao considerar que a arte surgiu, aproximadamente, há 30.000 anos e seu ensino formal há apenas cinco séculos, deduz-se que a maior parte da Arte Visual produzida pela humanidade foi realizada por artistas Autodidatas.

Isso foi ruim? Obviamente não!

A questão do autodidatismo não se refere apenas ao fazer mas se amplia quando se refere ao conhecer. Na medida em que ocorre a formalização do ensino para o *fazer* da Arte, paralelamente também se instaura o ensino para o *conhecer* a Arte.

A Arte deixa de ser apenas o campo da práxis e se torna também o campo do pensamento, da reflexão estética, da pesquisa e do Conhecimento.

Tanto o conhecimento *em* Arte quanto *sobre* Arte importam igualmente na formação neste campo.

Antes só importava *quem* era o artista, *o que* e *como* fazia. Agora importa tudo isso e mais: o que faz, *quando* e *onde* faz e principalmente, o que *significa* o que faz. A validade e vigência histórica e semiótica agora importa, e muito.

Como disse: o Autodidatismo em Arte Visual não decorre do desprezo ou da desinformação do que é o campo da Arte enquanto área de Conhecimento, mas sim de condicionantes sociais e históricas e de momentos que a inexistência de conhecimento específico, formação específica ou mesmo a tentativa de ruptura com conhecimentos e valores consagrados pela tradição motivaram pessoas a praticarem novas formas de Arte, promovendo abordagens artísticas mais autônomas, mas não desinformadas.

Quem produz Arte o faz a partir de motivações diversas e nada as obriga a obterem informações sistematizadas, amparadas pela sociedade ou pelo sistema vigente de conhecimento, mesmo porquê, nem sempre, este conhecimento está disponível para todos e, por isto, as pessoas encontram meios alternativos para se “formar”, aprender e desenvolver seus projetos expressivos por meio da práxis artística, com ou sem orientação formal ou informal. Embora não baste, ao contrário, tem sido um recurso eficiente em alguns casos:



Vincent Van Gogh (1853-1890). Nunca frequentou uma escola de Arte e é considerado um dos grandes artistas do Modernismo.

Pablo Ruiz Picasso (1881-1973). Embora tenha sido iniciado ainda criança no campo da Arte, pelo seu pai que era pintor e professor de Arte, nunca conseguiu levar a termo sua formação nas Academias de Belas Artes que se matriculou. Começou a frequentar a Escola de Belas Artes de Barcelona, depois a Academia Real de San Fernando em Madri, sem terminar seus estudos em uma ou outra. Desenvolve seus trabalhos a partir das investigações e experimentações estéticas e conceituais próprias e se torna um dos maiores artistas modernos.



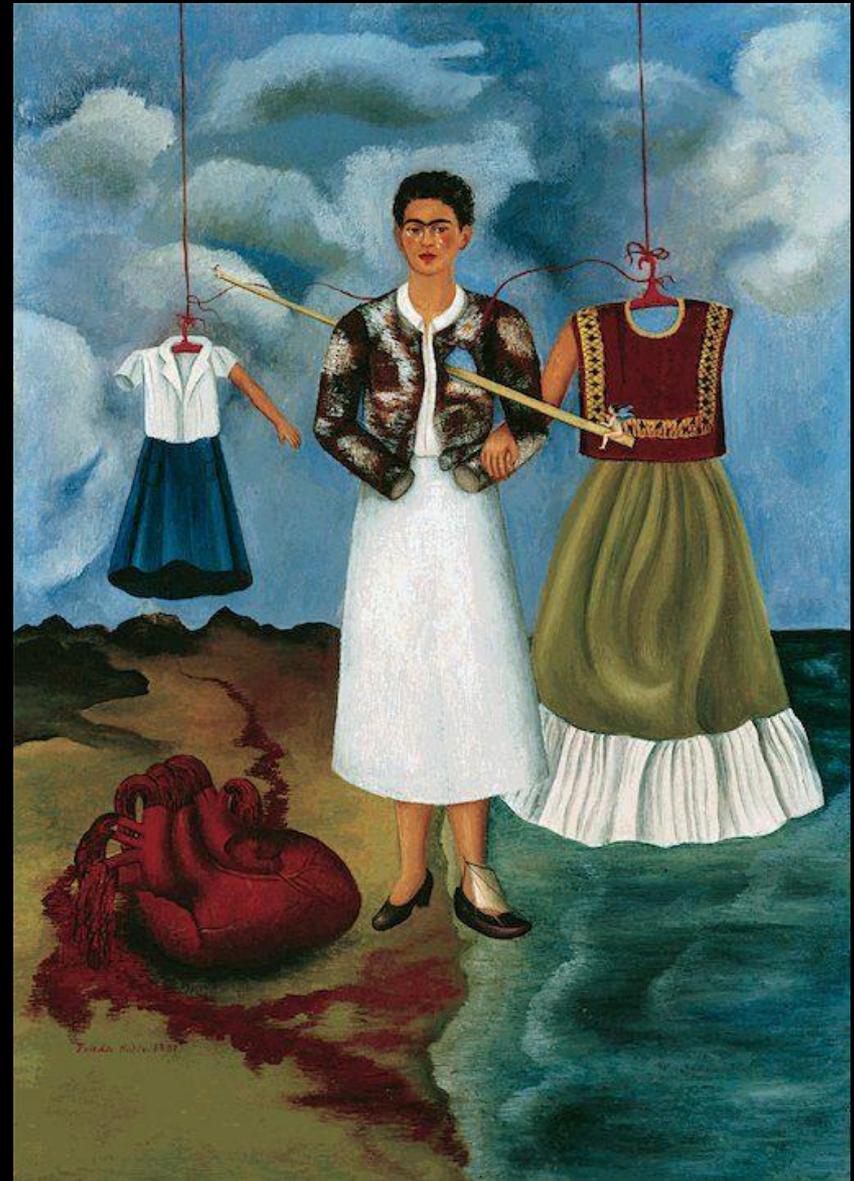
Um dos mais célebres artistas Autodidatas foi Wassily Kandinsky (1866-1944). Grande pintor, teórico, professor na Bauhaus, escritor e pesquisador. Um dos marcos da Abstração na Arte Moderna.

Embora tivesse interesses na Arte Visual e na Música, sua formação universitária completa foi em Direito e iniciou sua carreira nessa área. Mais tarde se matricula na academia de Belas Artes de Munique, mas não há referências de que houvesse concluído sua formação lá. No entanto desenvolve pesquisas pessoais e frequenta atelier de artistas para o desenvolvimento de sua práxis.



Frida Khalo (1907-1954),  
uma das mais reconhecidas  
artistas mexicanas  
modernas. Nunca frequentou  
uma escola de Arte.

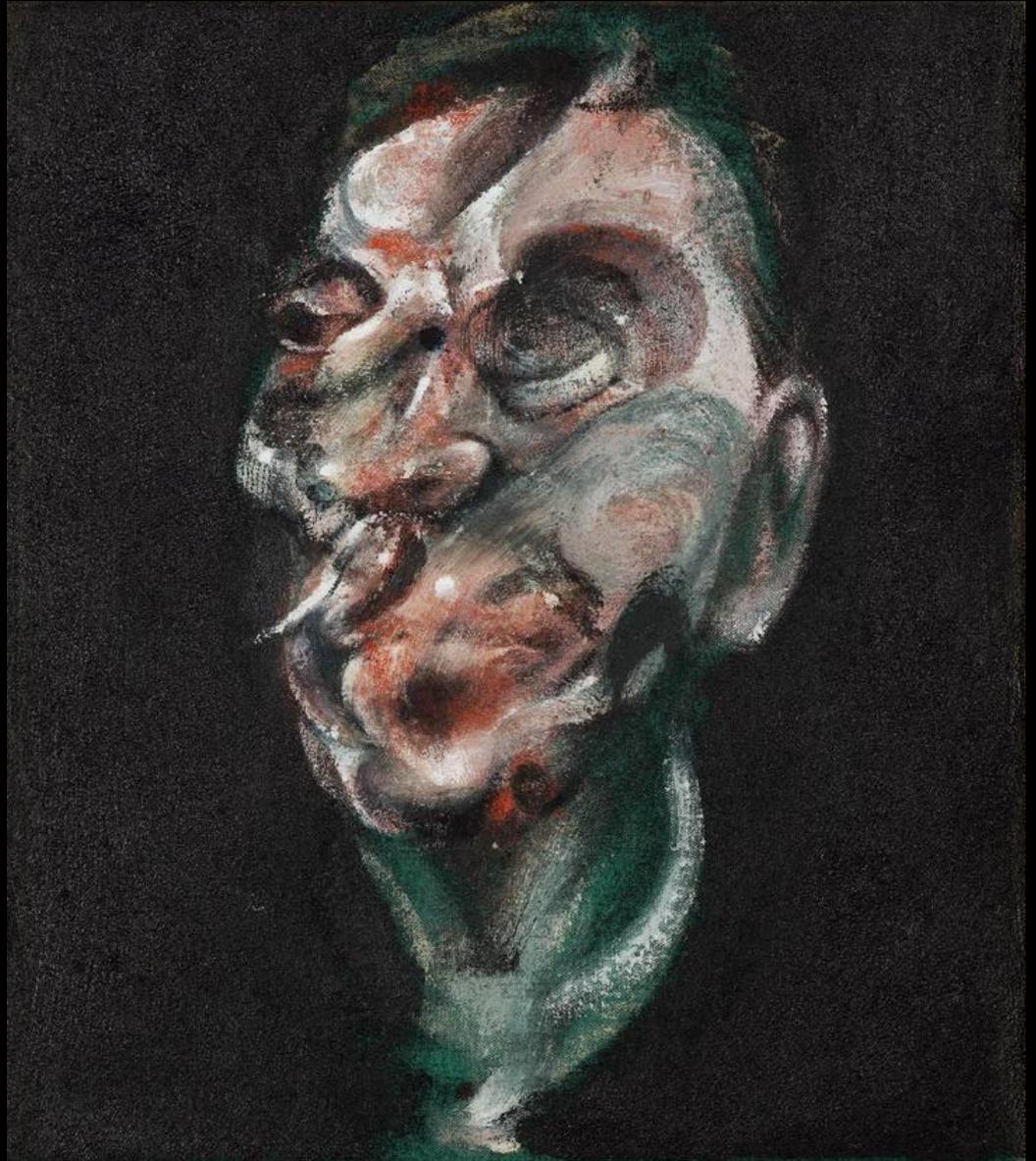
Começou a pintar por conta  
própria quando sofreu um  
grande acidente e teve que  
se manter imóvel por muito  
tempo. Desenvolveu sua  
pintura sob o olhar de Diego  
Rivera, grande muralista  
mexicano com que viveu e  
casou em 1929.



Jackson Pollock (1912-1956). Embora fosse de origem rural e do interior, vai morar em Los Angeles e se matricula na Manual Arts High School, da qual é expulso. Passa a estudar com Thomas Hart Benton, na Art Students League, mas sem muito envolvimento. No entanto revoluciona a poética pictórica ao desenvolver o processo de Action Painting que se torna uma referência para o Informalismo na Arte.

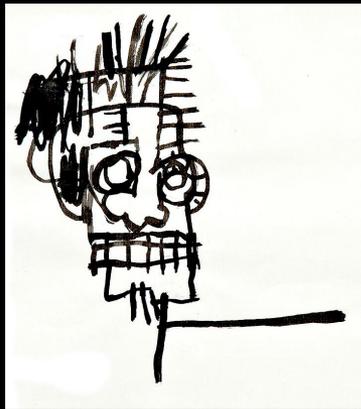
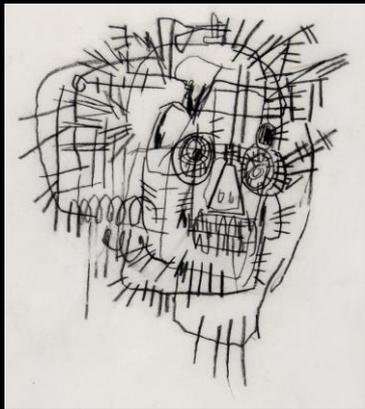


Francis Bacon (1909-1992). Reconhecido artista inglês não frequentou escola de Arte. Inicia seu trabalho em Londres em decoração de interiores e desenvolve pinturas sob a influência do Cubismo Picassiano. A partir de 1937 encontra sua própria identidade artística e obtém reconhecimento por seus trabalhos.

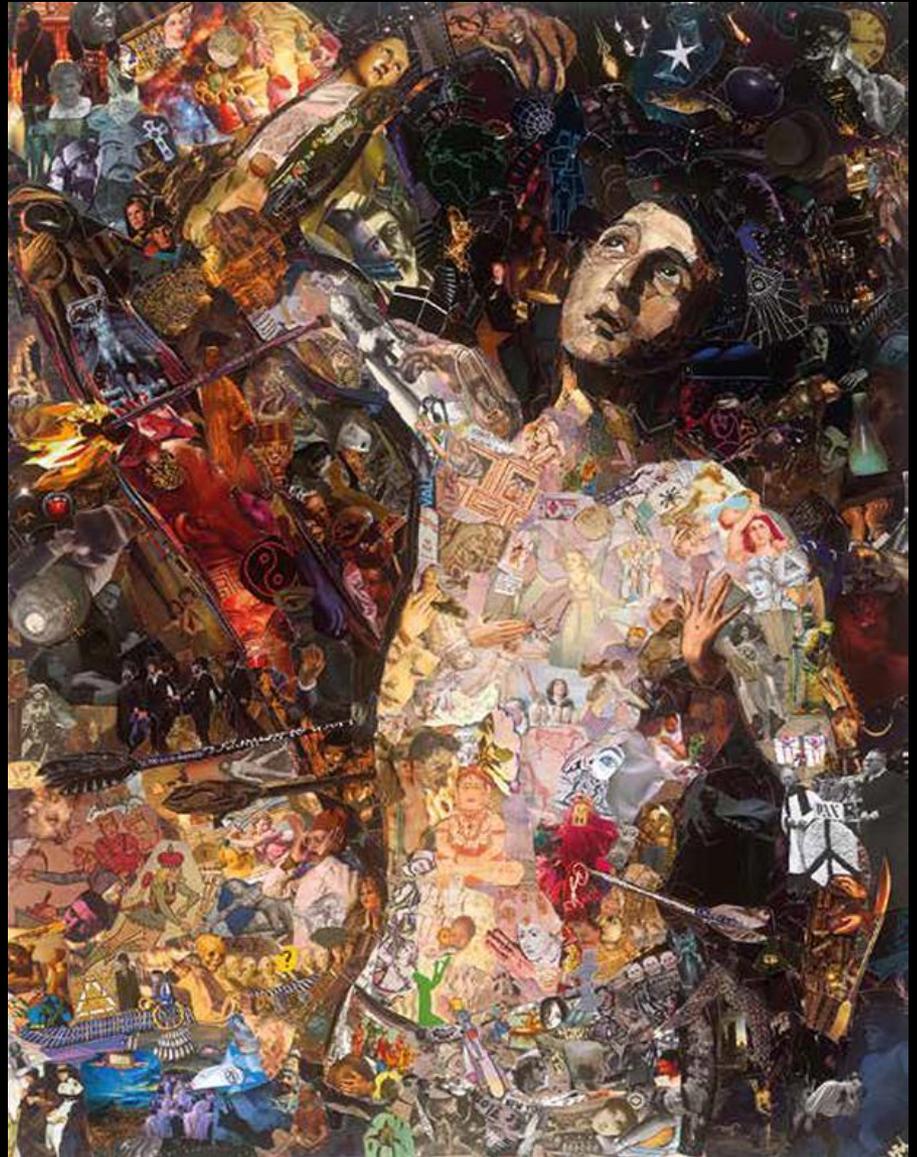


Jean-Michel Basquiat (1960-1988). Um dos nomes importantes do Neo-Expressionismo americano, nunca frequentou uma escola de Arte. Autodidata desenvolveu seus desenhos e depois grafites na cidade de New York sob o pseudônimo de Samo.

Mais tarde, por volta de 1980, se torna colaborador de Andy Warhol e sua carreira também decola.



Vik Muniz (1961). Um dos artistas brasileiros mais reconhecidos não se formou em Arte em sim em Publicidade e Propaganda, mesmo assim, desenvolveu suas proposições em Arte Visual autodidaticamente.



Manabu Mabe  
(1927-1977).  
Agricultor do  
interior nunca  
frequentou escola  
de Arte.

É um dos grandes  
nomes no  
Modernismo  
brasileiro no  
contexto do  
Informalismo.



Tomie Othake  
(1913-2015).  
Nunca frequentou  
escola de Arte.  
Uma das grandes  
artistas do  
Abstracionismo  
Informal no país.



Espero ter clareado um pouco a questão do Autodidatismo em Arte Visual. A inexistência de restrições ou critérios para identificar a profissão ou mesmo a formação de Artista Visual possibilita o acesso à área, mas, como disse, isto não é um mal, pois as únicas áreas em que a formação acadêmica é exigida é no campo do ensino, portanto, as demais áreas estão livres. Cabe a quem escolhe o percurso da criação artística como profissão se informar adequadamente para promover o seu conhecimento e conquistar a vigência e validade no seu tempo e lugar.

Defendo que a Arte é uma atividade natural e inerente ao ser humano, ou seja, uma característica e uma necessidade que nele reside desde sempre.

De modo geral não há qualquer problema no fato das pessoas se dedicarem ao fazer artístico e fazerem isto com esforço e paixão.

A produção artística é um dos meios de consolidação do pensamento *sobre e em Arte* pois:

*Em Arte nada se perde, tudo se cria e tudo se transforma.*